

BADIOU, Alain. *Em busca do real perdido*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017. 61 páginas.

Guilherme Figueredo Benzaquen¹

O que é o real? Assim começa um pequeno livro, no qual Alain Badiou dá uma contribuição valiosa para uma questão que, apesar de antiga, ainda está em discussão e, portanto, é capaz de nos mover. Andando “que nem siri”, a sua resposta se dá em uma aproximação tortuosa que demonstra que o real é um problema que envolve debates ontológicos, epistemológicos e políticos. “A questão do real é evidentemente também a questão de saber que relação a atividade humana, mental e prática, mantém com o referido real” (p. 11). Nesse sentido, mais do que a pergunta que ele se coloca no começo do texto, a questão motora é: que real? Questão que foi o título da conferência matriz do texto agora publicado em português. A semelhança com obras importantes de Michael Foucault – sobre a ordem do discurso – e Roland Barthes – em sua lição sobre a aula – vai para além de uma transposição da fala para o escrito, aqui também estamos diante de um livro bastante denso: há muito em pouquíssimo espaço.

Alain Badiou é um filósofo que conviveu ao lado de grande parte

¹ Doutorando em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: benzaquenguilherme@gmail.com

do panteão de estrelas que a academia francesa produziu no século XX. A sua relativa marginalidade e desconhecimento no Brasil não faz jus a uma produção que é bastante diversa e trata de temas caros para a filosofia e para a teoria social. Dentre suas teorizações, as mais conhecidas são aquelas que versam sobre uma teoria do acontecimento. Porém recentemente suas obras de cunho mais político têm ganhado projeção, dado seu esforço em atualizar um projeto de transformação social que dê conta dos últimos ciclos internacionais de lutas sociais. Além disso, é digno de nota que o autor já escreveu sobre o amor, o teatro e a estética, assim como se propôs a apresentar uma epistemologia materialista da matemática. Portanto, apesar de ainda faltarem muitas traduções, a publicação de *Em busca do real perdido* deve ser celebrada como um esforço para uma maior publicização desse importante autor.

O livro está estruturado em uma totalidade de quatro seções: uma introdução, “a anedota”, “a definição” e “o poema”. As partes têm coerência interna, porém o argumento só se completa com a conjunção dos problemas trabalhados separadamente. Na introdução, o autor localiza o problema filosófico do real e quais as suas soluções mais comuns na economia e na epistemologia. Em “a anedota”, Badiou recorre à história da morte de Molière para discutir a relação entre o real e a representação. Na terceira seção, ele recorre à Jacques Lacan para fornecer uma definição do real que

se relaciona com o “impasse da formalização”. Por fim, Badiou fornece em “o poema” uma discussão de cunho normativo sobre a busca do real baseada em poesias de Pier Pasolini. Para aqueles ainda pouco familiarizados com o seu sistema filosófico, a obra pode servir de introdução, pois apresenta, em uma análise, alguns dos seus conceitos centrais como: acontecimento, verdade, violência e política. Além disso, demonstra algumas das heranças teóricas mais mobilizadas por Badiou: Platão, Karl Marx e Lacan.

O livro pode ser lido como um passo na aventura – noção que em Badiou significa a aceitação do risco e do imprevisível do acontecimento – em busca do real perdido. A uma concepção do real como submissão, Badiou proporá um real como emancipação e invenção. Essa ideia é construída aos poucos em seu argumento e seguiremos os seus passos centrais para uma melhor compreensão do que isso significa.

O começo do livro é uma reflexão acerca da apresentação comum do real como uma imposição intimidante. A economia é o domínio preponderante dessa noção. O real parece lhe pertencer com suas afirmações acerca das regras e leis às quais devemos nos submeter para sobrevivermos em um mundo em constante crise. Nem mesmo a sua incapacidade em prever e lidar com os últimos abalos do capitalismo, enfraqueceram a hegemonia do discurso econômico, pois as suas falhas conseguiram se impor como um reforço da necessidade da aceitação das imposições. Essa

forma de conceber o real é comum também nas discussões epistemológicas. Badiou apresenta uma breve crítica às categorias idealistas e empiristas do real. A categoria idealista não pode ser adotada justamente pelo paradoxo de ser uma construção categorial acerca daquilo que se supõe impor-se ao ideal. Há um problema lógico em encontrar a prova do real naquilo que aceita existir – “ao menos aparentemente” – sem a prova do real. Por outro lado, o problema de apreender o real pela experiência é que isso pressupõe um sensível livre das concepções acerca do real. Para o autor, o sensível é sempre mediado pelo discurso sobre o real. Portanto, ambos os casos não fornecem um caminho possível para a busca do real perdido, será necessário construir outro caminho baseado em Lacan e na “paixão pelo real” típica do comunismo. O fim dessa seção é marcado pela análise acerca da noção de escândalo – outra via para o real como submissão – que, apesar de se apresentar como uma exceção que revela o real, é apenas uma operação teatral cujo objetivo é manter a aceitação de um real muito similar ao escândalo em si. Os escândalos de corrupção seriam, portanto, uma encenação que turva a percepção de que toda a sociedade está corrompida.

Terminada a introdução, chegamos a seções onde o autor desenvolve mais especificamente sua concepção da busca do real. Utilizando o recurso de uma anedota, Badiou tratará na seção seguinte da relação entre o semblante e o real. É notável o caráter anedótico da morte de Molière por uma doença

real em meio a uma encenação de uma peça chamada *O doente imaginário*. O real da doença frustrou a encenação da doença imaginária. A partir desse caso, Badiou busca uma generalização na qual há uma relação dialética entre o real e o semblante – termo emprestado das discussões de Lacan que o autor usa de modo intercambiável com a palavra representação. Se o real, como aconteceu com a morte de Molière, se revela na ruína do semblante, é necessário que esse semblante também seja real, pois é em sua realidade que reside a possibilidade de acesso ao real. Para Badiou, existe a máscara, porém essa máscara também é real. Desse modo, o acesso ao real é sempre uma divisão, pois ao dividir o semblante do real, estamos retirando uma parte do real: o próprio semblante. O acesso ao real é chamado na obra de Badiou de acontecimento: algo que não é do interior da representação, mas de um “alhores interior”. Essa definição enigmática pretende dar conta do caráter imprevisível e fundacional dos acontecimentos. O desenvolvimento lógico é que esse processo de divisão é necessariamente violento, pois o semblante faz parte do real e dividi-lo significa mutilá-lo, feri-lo.

Na seção seguinte, Badiou se baseia em uma definição de Lacan para desenvolver a ideia do real como impasse da formalização. Através da aritmética elementar entendemos o que isso significa. A aritmética é uma formalização que impõe seus limites: os resultados devem ser números finitos. Porém há na aritmética o pressuposto da liberdade do cálculo que

leva a uma in-finitude de números. Nesse exemplo, o infinito é o impasse da formalização. O real está, portanto, implícito à formalização como condicionante, porém não é acessível através das regras impostas pela formalização. Desse modo, o real pode ser acessado se for descoberto o impossível da formalização. No âmbito da política, isso se daria, segundo Marx, na extinção do Estado que é a formalização da política do possível. É importante ressaltar que o impossível só tem essa condição enquanto durar a formalização, pois a possibilização do impossível se dá com um desvanecimento momentâneo da formalização. Disso, ele retira duas conclusões: a formalização é necessária para o acesso ao real e a divisão do real é a afirmação do impossível. Aqui há uma contribuição importante para uma teoria crítica emancipatória: o clamor para uma análise daquilo que é impossível na formalização. É necessário entender com precisão o capitalismo para saber onde e como surgem suas possibilidades de divisão.

Por fim, a última seção é bastante importante por dar contornos mais palpáveis para essa discussão abstrata. A partir de um poema de Pasolini em homenagem a Antonio Gramsci, Badiou localiza como se deu a busca pelo real no século XX e de que forma ela deve se dar nos próximos tempos de conflitos sociais. Pasolini é importante por ter estetizado a crítica de que o nosso mundo é o do semblante que teme o real. O capitalismo imperial contemporâneo é aquele onde não há nada além da diversão de Pascal ou do

espetáculo de Guy Debord, ou seja, é a época da sobrevivência, não da vida. Vivemos na “humilde corrupção”: numa constante gestão da sobrevivência onde cada subjetividade é comprada pelo preço que lhe convém. A busca para pôr fim a isso é a busca pelo real perdido. Essa foi a missão que Gramsci e muitas outras pessoas se colocaram no século XX, porém com a derrota dessa missão volta a pergunta clássica do que fazer.

Badiou encerra o livro propondo algumas aprendizagens. A primeira e sem dúvida de suma importância para o marxismo é a dissociação da História e da política. É necessário renunciar à ficção de que a História trabalha para a vitória do comunismo – nome dado à possibilização do impossível da formalização capitalista: a igualdade. O autor faz um chamado à uma militância que não baseia a sua obstinação política na esperança histórica. Depois ele esboça uma crítica a tese dialética de que a negação contém a afirmação. Badiou propõe a substituição dessa dialética negativa por uma dialética afirmativa que ganhe força com as experimentações locais de outras formas de se relacionar e que se preserve do extremismo destruidor.

Depois dessa sistematização, é possível concluir que se esse livro é uma boa introdução ao autor, não basta lê-lo para conhecer suas formulações mais importantes. O caráter sucinto aliado a uma clareza ímpar torna a leitura agradável e importante, porém é necessário a continuação do

diálogo com sua obra para clarificar algumas questões apenas esboçadas. Nesse livro não estão desenvolvidas suas discussões acerca do caráter violento do acontecimento. Em termos abstratos do acesso ao real isso fica claro, porém seria necessária uma melhor explicação acerca do que isso significa politicamente, dado que um dos maiores estigmas do autor é ser considerado simpatizante de práticas autoritárias. Outra questão importante que fica sem solução é o problema da formalização depois da possibilização do impossível. O que ocorre depois do desvanecimento momentâneo que permite o acesso ao real? Essas questões não são negligenciadas pelo autor, porém a sua solução deve ser encontrada em obras de maior fôlego.

Em busca do real perdido é um livro fundamental por divulgar as teorizações de um dos maiores filósofos contemporâneos acerca de questões clássicas que estão longe de serem estéreis. Em uma pequena capsula textual somos bombardeados por discussões ontológicas, epistemológicas e políticas bastante relevantes. Saímos de sua leitura com a certeza de que, apesar do título proustiano, a busca do real perdido não é melancólica, mas fruto de um inconformismo mental e prático.

Resenha recebida em: março/2017

Aprovado em: março/2017